

“GENTE DO TAIPU: OS LINS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, DESDE REMOTOS ANCESTRAIS MEDIEVAIS ATÉ A MORTE DE JOSÉ LINS DO REGO” (Autor: Carlos Francisco Bandeira Lins. João Pessoa : Mídia Gráfica e Editora, 2017. 2 vols.)

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Mesmo dispensando, pelos méritos do seu autor, qualquer apresentação, o importante livro do eminente Procurador de Justiça Carlos Francisco Bandeira Lins apresenta grandeza até no seu formato e nas suas 1.094 páginas, incluídos seus anexos.

A APMP divulgou, em 27/6//16, meu texto intitulado “Centenário do Historiador Luiz Gonzaga Nunes”, tio da minha mulher, Maria Lúcia, que incluía entre seus livros genealógicos aquele sobre a família alemã Utsch, que veio para o Brasil para início da siderurgia em Minas Gerais, antes de 1822. Bandeira Lins não esquece da origem semelhante da família LINS, “das cidades de Ulm e Augsburg, na atual Alemanha” (p. 29).

Para a leitura do vasto texto do livro, convém a prévia leitura da apresentação com o título de “A Genealogia como fonte para a História”, da autoria de José Octávio de Arruda Mello, nas três primeiras orelhas dos dois volumes.

Dedicatórias: à memória do eminente magistrado pai do autor do livro; à Aglae, esposa deste, e aos seus filhos, netos “e às gerações que vierem, para que não se esqueçam de seus ancestrais”.

Epígrafes: versos do poema “Profundamente” de Manuel Bandeira; trecho do Padre Vieira, do Sermão de Nossa Senhora da Penha de França e versos de Atahualpa Yupanqui (“Los Hermanos”).

Apresentação assinada por Paulo Bonfim: “Volta proustiana ao engenho ancestral”, da qual se destaca a frase: “Lanças verdes dos canaviais atravessam quatro séculos de história”.

Às páginas 27/31, o autor se dirige ao leitor: “O livro é resultado de um quarto de século de pesquisa”.

Anunciam-se as “chamadas Tábuas de Ancestrais, conhecidas dos genealogistas contemporâneos e apresentadas no final deste livro (Anexos III e seguintes)” (p. 27).

Pouco adiante, destaca-se aspecto relevante: “Acresce ainda que a História e a Genealogia não são ciências democráticas que dividam suas atenções igualmente entre todos os seres humanos. Privilegiam uns deles e esquecem a grande maioria, sem sequer registrar seus nomes.”

Para o autor do livro em exame, não “é o caso de fazer aqui um resumo do conteúdo do livro, pois, para isso, terá o leitor à disposição o Sumário em que estão elencadas as matérias tratadas”.

Há certos livros aos quais se aplica tal observação. Percebi isso mais de uma vez. Por exemplo, no meu texto divulgado em 3/7/15, pela APMP, sob o título “Dois novos dicionários importantes”, comentei apenas o *Dicionário dos Apaixonados pelo Brasil*, de autoria de Gilles Lapouge, (com ilustrações de Alain Bouldouyre, trad. Maria Idalina Ferreira Lopes. Barueri, SP. Manole, 2014). Como o espaço se esgotasse só com a breve análise de tal dicionário, deixei para outra data – 21/7/15 – a divulgação pela APMP do meu artigo “Continuando *Dois Novos Dicionários Importantes*, agora o Dicionário do Concílio Vaticano II” (São Paulo: Paulinas e Paulus, 2015).

Claro que cabe o destaque de alguns temas. Voltando ao texto do Bandeira Lins *ao leitor*, à p. 29, lê-se: “Ressalto apenas o maior cuidado que mereceram a família portuguesa dos Albuquerque e duas famílias não portuguesas, os Cavalcanti, de Florença, e os Lins, das cidades de Ulm e Augsburg, na atual Alemanha. São esses os nomes que vieram a se combinar no de José Lins Cavalcanti de Albuquerque, o chamado ‘Num’, trisavô de José Lins do Rego.”

Não cabe estranheza no fato de, conquanto em diferentes épocas dos nossos tempos coloniais, haver certa coincidência na colaboração alemã em matéria de siderurgia (os Utschs que vieram para Minas Gerais e os Lins, para os equipamentos dos engenhos nordestinos).

A advertência, neste ponto, é do próprio Bandeira Lins: “Sobre outros temas que vieram a ser abordados, melhor não antecipar nada aqui.” (p. 30)

O próprio autor do livro prossegue: “Claro que livro de extensão grande como esse não há de ser lido de uma assentada. Nem haverá de prender uniformemente a atenção do eventual leitor, cujo interesse maior poderá estar em alguma das matérias aqui tratadas. Para os que não tenham disposição de fazer uma leitura integral, proponho que selecionem o assunto que lhes possa atrair mais.”

Das exemplificações propostas, destaco duas: “Estudiosos da literatura brasileira encontrarão dados interessantes sobre José Lins do Rego (Prólogo, Capítulos I e XLIX) e, se vierem a se aprofundar na leitura de outros tópicos, encontrarão várias referências a personagens da obra daquele escritor, tão ligado às lembranças da infância e da família. Cientistas políticos terão motivos para deter-se no Capítulo XXIV, onde se mostra a filiação do pensamento de Maurício de Nassau às ideias de Maquiavel, fazendo-se ali uma análise da mais famosa obra do pensador florentino, o que poderá dar margem a polêmica.”

Após destaque da figura do Conde de Nassau e da presença holandesa no Brasil e aos aspectos etnológicos de grande interesse, Bandeira Lins cuida de outro ponto de destaque da sua obra: “Mesmo um estudioso de hagiografia ou da História da Igreja encontrará matéria ligada a seus interesses, no ponto que trata de santos ligados à família (Capítulo XIII) ou no que recuperou a memória sobre o primeiro vigário da Paróquia de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, em São Miguel de Taipu (Capítulo XXXI)”. Após referência aos historiadores com interesse no judaísmo, na própria História do Brasil, além dos aspectos antropológicos. Enfim, trata-se de obra “de interesse multifacetário e geral, por acompanhar a vida política e econômica de uma parte do Brasil e por ser a chave para a maior compreensão da obra de um dos mais importantes literatos do país.”

A dimensão do livro ora comentado, como nos exemplos dos dois dicionários recentes citados, só poderá ficar completa através de novos artigos ou crônicas. Por exemplo, já em

30/9/15, a APMP divulgava meu artigo “*Maria* verbete de Afonso Murad (Faculdade Jesuíta de BH, MG) no Dicionário do Concílio Vaticano II”. Sem falar em frequentes citações dos dois livros de referência que continuo lendo.

Só na última contracapa do segundo volume, a ilustração da sua capa merece atenção: “A capa do livro, criada por Luis Carlos Kehrlé, tem como ilustração a vista de um engenho açucareiro nordestino, obra de Jerônimo José Telles Junior (óleo sobre tela, 34,5x54,7cms., datado de 1883)”. Seguem-se referências ao pintor feitas por Gilberto Freyre e José Roberto Teixeira Leite.

De passagem, não convém esquecer o grande interesse do Bandeira Lins também pelas artes plásticas.

Mas aí já se trata de outro tema, para outra oportunidade.

Não me faltarão oportunidades para novos comentários sobre o livro *Gente do Taipu*.